

A CASA JOSÉ BRAGA

Luís Pinto de Faria

Professor Auxiliar, Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Fernando Pessoa
lpintof@ufp.pt

RESUMO

A casa José Braga, do arquitecto Celestino de Castro, é exemplo incontornável de um exercício de importação para a realidade arquitectónica Portuguesa dos valores do Movimento Moderno. Ao contrário do que acontece noutros projectos “modernos” do Porto, que associam um vocabulário internacional a uma certa noção culturalista do lugar onde intervêm, na Casa José Braga, Celestino de Castro sobrepõe conscientemente o seu internacionalismo ideológico às particularidades locais. No sentido de sublinhar esta especificidade, este artigo suporta-se numa análise detalhada desta obra em particular, num conjunto de bibliografia atinente ao tema, bem como numa entrevista recentemente realizada ao autor onde o mesmo sublinha a importância da obra de Le Corbusier em geral, e da Villa Cook em particular, para a elaboração dos primeiros estudos desta moradia.

PALAVRAS-CHAVE

Arquitectura – Moderno – Porto – Celestino

ABSTRACT

The José Braga house, projected by the architect Celestino de Castro, is an example of a direct importation of the values of Modern Movement to the Portuguese reality. Unlike other “moderns” from Porto, who use to associate an international vocabulary to a more cultural notion of the exact place where they project, Celestino de Castro overlays his ideological internationalism to the singularity of the site. Trying to underline this specificity, this paper stands on a detailed analysis of the building as well as on a recent interview with the architect, where he states the importance of Le Corbusier work, specially the Villa Cook, on the development of José Braga house’s project.

KEYWORDS

Architecture – Modern – Porto – Celestino

A casa José Braga, do arquitecto Celestino de Castro, é frequentemente indicada como um dos primeiros e mais claros exemplos de *afirmação militante* dos valores éticos e estéticos associados ao Movimento Moderno, que após o final da 2ª Guerra Mundial se começavam a ousar proclamar em Portugal.

De facto, após 1945, desapareceram os últimos obstáculos que até aí “[...] tentaram impedir a expansão da Arquitectura Moderna em todo o mundo civilizado” (Barbosa, 1972:9). Os ideais políticos e sociais emergentes associados a um novo internacionalismo ideológico de matriz moderna impregnaram definitivamente diversos sectores da sociedade europeia, que então se abriam definitivamente a um mundo pacificado e culturalmente mais global.

Em Portugal, apesar do final da guerra não ter abalado a firme orientação do Salazarismo, ela contribuiu certamente para a configuração de um contexto cultural propício à afirmação dos novos ideais éticos e estéticos que até então apenas se esboçavam.

Neste contexto, dois anos depois da constituição das Iniciais Culturais Arte e Técnica (ICAT) surgidas em Lisboa em 1946 e um ano após o aparecimento no Porto da Organização dos Arquitectos Modernos (ODAM), os princípios declarados no I Congresso Nacional de Arquitectura, “[...] tornaram-se num álibi partilhado pelo arquitectos Portugueses de aproximação ao Movimento Moderno europeu, embora num momento em que o mesmo iniciava já então, uma inevitável revisão doutrinária” (Grande, 2006:62).

Como desabafou Mário Bonito no encerramento da 1ª Exposição da O.D.A.M. de 1951 – apresentada sob o lema “os nossos edifícios são diferentes dos do passado porque vivemos num mundo diferente” (Barbosa, 1972:s.p.) – a adopção entre nós do denominado *Estilo Internacional* pecava por tardia: como era possível resistir ainda à “nova arquitectura? “Frank Lloyd Wright, Le Corbusier, Walter Gropius, Richard Neutra, são os jovens, os novos da arquitectura e têm já 78 anos, 60 anos, 73 anos e 50 anos respectivamente” (Bonito, 1952: 148).

De facto, a aproximação ao desejo do ‘novo’ manifestou-se em primeiro lugar no Porto, “[...] cidade comercial e bur-

guesa, afastada do poder, onde uma encomenda privada, dinâmica e empreendedora, que desejava modernizar-se, vai estimular linguagens de ruptura” (Tostões, 2006:26). Já havia alguns anos desde que o Porto começara a exhibir projectos modernos, como a *corbusiana* Casa Honório de Lima (1939) de Viana de Lima (já demolida), o Cinema Batalha (1946) de Artur Andrade, o Mercado do Bom Sucesso (1949), o Palácio Atlântico (1946–1950) do grupo Arménio Losa e Cassiano Barbosa (ARS) ou a Casa Aristides Ribeiro (1949) de Viana de Lima. O Porto era onde Lisboa ia para ver «arquitectura moderna» (Pereira, 1983: s.p.).

Terá sido neste contexto singular que a casa José Braga foi projectada em 1949 e executada durante os dois anos seguintes na rua de Santos Pousada, no Porto.

Acabado de regressar da Suíça, onde teve oportunidade de participar no 1º Congresso da UIA, em Lousanne (28 de Junho), Celestino de Castro, com apenas trinta anos, recebe a sua primeira encomenda do seu tio José dos Santos Braga: tratava-se de uma moradia para “[...] uma família de três pessoas, hospedes temporários e uma criada” (Castro, 1949:s.p.).

Por ocasião de um comício na Avenida da Boavista, do General Norton de Matos, para as eleições para a Presidência de República, em Janeiro de 1949, no qual participou, Celestino acompanha o tio numa primeira visita ao terreno: localizado numa frente urbana estabilizada, com 12 metros de largura, e um desnível para a cota do passeio de 3,5 metros, o lote estava condicionado a uma profundidade máxima da construção de 15 metros e um afastamento ao arruamento de, obrigatoriamente, 3 metros. A altura do edifício deveria ser idêntica à do edifício confinante a Sul, já que a Norte ainda não havia qualquer construção.

Apesar de a sua inexperiência ter originado no tio sérias dúvidas sobre a sua real capacidade para conduzir um projecto tão condicionado, Celestino de Castro, admirador confesso de Le Corbusier, é apoiado pelos amigos Viana de Lima, Arménio Losa e Cassiano Barbosa no sentido de prosseguir os trabalhos (Castro, 1949:s.p.). O Cassiano Barbosa, inclusivamente, teve a iniciativa de levar o tio “[...] a visitar o Porto para lhe mostrar as obras modernas” (Castro, 2007)³

Após alguns contratempos no processo de licenciamento do edifício, bem como do abandono de uma cobertura plana e solário por questões orçamentais, o projecto foi construído segundo as premissas do movimento moderno, referenciadas claramente a Le Corbusier, que eram então apreendidas a partir das publicações francesas que conseguia a custo ter acesso. Celestino de Castro destaca a Villa Cook como uma referência importante no processo de desenvolvimento não só deste projecto como também da casa do Amial.

“Aqui [Villa Cook] são aplicadas, com clareza, as novas ideias até aqui adquiridas: os pilotis, o terraço jardim, a planta livre, a fachada livre, as janelas horizontais longas com caixilharias de correr” (Boesiger, 1960:48).

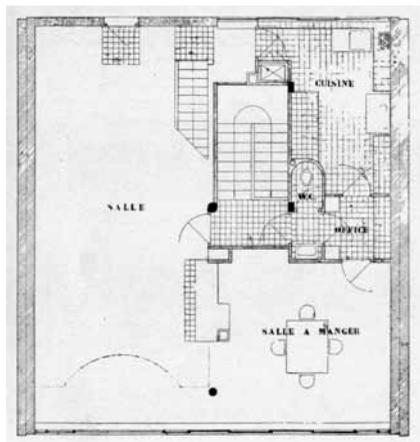


Fig. 1e2 - Villa Cook: assumida como uma referência importante no processo do projecto que será retomada na casa do Amial. (BOESIGER, 1960, p.48).

“[...]quando acabou a Guerra comecei a assinar umas revistas onde tive de fazer uma espécie de “reconversão” no que se refere à arquitectura. O que aprendi na Escola não me adiantou nada, ou melhor, não era aquilo que eu devia seguir como exemplos, “porque senti essa necessidade” (CAstro, 2007).

Interpretada a obra em análise, verifica-se que, de facto, o apelo do sentido de renovação e novidade simbolizado pela *“La nouvelle architecture”* não só inspirou como guiou Celestino de Castro por um exercício de projecto que, quase obstinadamente, percorreu os principais desafios éticos e estéticos preconizados pelo Movimento Moderno:

Apesar da volumetria e alinhamentos impostos pelo Município, a implantação do edifício sugere uma forma quadrada pura (mais perceptível na planta do segundo piso), organizada segundo planos “[...] colocados livremente, sem implicarem com os pilares da estrutura” (Castro, 1949:s.p.). Esta opção, assegurada pela utilização de lajes fungiformes, é sublinhada pelo esforço por destacar os pilares dos restantes elementos construtivos, mantendo-os por rebocar e pintados de azul.

Em contraste com as duas empenas cegas laterais, que se autonomizam, as fachadas livres do 1º e 3º piso, voltadas a poente, recuam em planos oblíquos desalinhados para, no último, dar lugar a um terraço ajardinado, e no primeiro estabelecer uma relação de continuidade, sob *pilotis*, entre aquele piso e o jardim/logradouro. No exterior da parede norte, voltada para este jardim, é destacada uma escultura em alumínio batido de Júlio Pomar.

Voltada a nascente, para o arruamento, a fachada livre manifesta-se nos vãos horizontais de grandes dimensões conjugados com cheios e vazios volumétricos que desde logo acusam os acessos principais à habitação. O telhado, de apenas uma água, revela-se imperceptível da rua, escondendo-se por de trás de uma platibanda alinhada à única construção vizinha.

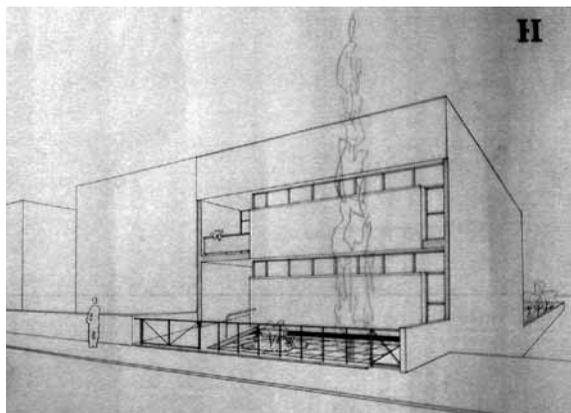


Fig. 3 e 4 - Casa José Braga: perspectiva do exterior [arquivo Celestino de Castro] / fotografia da fachada voltada ao arruamento [Figueira et al., 2001:12]

Dado o desnível do terreno original, as entradas do edifício, principal e de serviço, são efectuadas ao nível do 2º piso, permitindo um acesso de nível à sala, à cozinha, à copa e à garagem.

Ao nível do 3º piso é projectada a *zona íntima*, quartos, banhos e saleta de hóspedes, “[...] intimamente ligada com o terraço jardim, todo relvado e com alguns arbustos” (Castro, 1949:s.p.).

“Deste terraço é lícito esperar resultados seguros na protecção da estrutura resistente à acção das amplitudes térmicas, além daqueles a obter pela inegável conquista da arquitectura contemporânea: condições de natureza introduzidas na habitação – espaço, ar, sol e verdura” (Castro, 1949:s.p.).

No 1º piso, de nível com o jardim/logradouro, foram projectadas a adega, arrecadações bem como um quarto de empregada.



Fig. 5 E 6 - Casa José Braga: Fotografia da fachada voltada a nascente [BECKER, 1997: 203] / Perspectiva do exterior [arquivo Celestino de Castro]

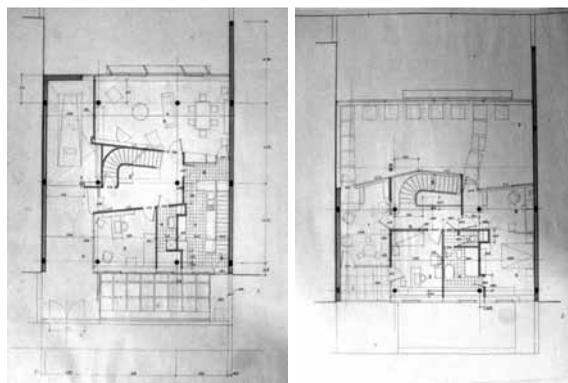


Fig. 7 E 8 - Casa José Braga: Plantas do 2º e 3º piso do edifício (TOSTÕES, 1997).

As preocupações com o controlo da incidência do sol e da ventilação, expressas na Memória Descritiva do projecto evidenciam outras das “conquistas da arquitectura contemporânea” que importava não descurar: as dependências do segundo e terceiro piso voltadas a Poente, são protegidas da acção directa dos raios solares “[...] não só pelos tapetes de relva, arbustos e árvores de folha caduca [...] como também pelo emprego de persianas metálicas móveis” (Castro, 1949.s.p.). No caso do envidraçado da sala, este é protegido por palas em madeira revestida a alumínio, composta por três barras horizontais e quatro verticais *pivotantes*. As caixilharias exteriores são todas em macacaúba, de correr, fixas ou basculantes, “[...] de forma a assegurar um bom arejamento e ventilação das várias dependências.”

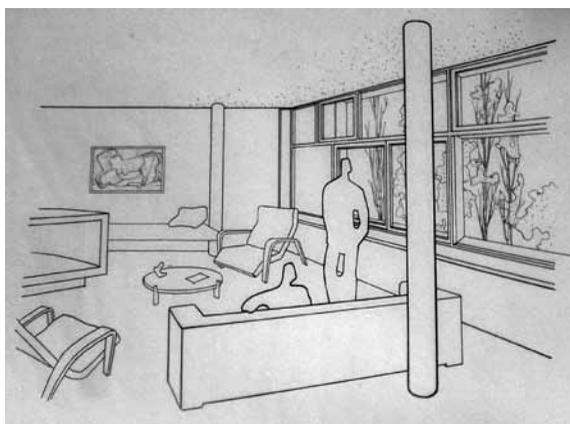
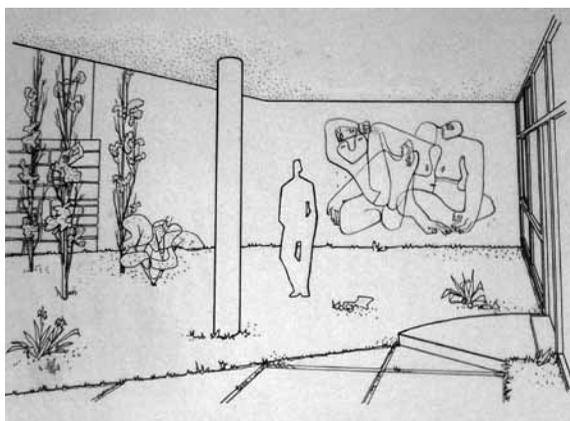


Fig. 9 e 10 – Casa José Braga: perspectivas do espaço interior (TOSTÕES, 1997).

Depois da análise deste projecto resta verificar que apesar de se tratar da primeira obra construída de Celestino de Castro – correspondendo simultaneamente ao projecto que apresentou na EBAL para obtenção de diploma de arquitecto (Becker et al., 1997:203) – este edifício tornou-se num dos mais emblemáticos do seu curriculum bem como num ícone incontornável do *moderno radical* (Figueira et al., 2001:12) da cidade do Porto.

Como será possível constatar nas restantes obras analisadas neste número da “A Obra Nasce”, apesar do percurso profissional de Celestino de Castro nunca se descolar completamente da gramática *corbusiana* ele tenderá a perder a radicalidade inicial.

Como o próprio autor reconhece, afinal “nessa altura ainda não se tinha realizado o Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa. [...] e mesmo na própria obra de Le Corbusier existe uma evolução evidente. [...] Nós vemos isso em qualquer arquitecto projectista, é o que se chama de evolução. Comigo aconteceu o mesmo, não sou mais nem menos que os outros.” (Castro, 2007).

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Pedro Vieira de, (1996). “Viana de Lima, arquitecto 1913–1991” (catálogo). Lisboa, Fundação Caloust Gulbenkian, *Árvore* – Centro de Actividades Artísticas, CRL.

ARQUITECTURA : Revista de Arte e Construção. Ano XXVII, 2ª Série, nº54, Abril–Maio 1955, pp. 8–13.

BARBOSA, Cassiano, comp. (1972). “ODAM : Organização dos Arquitectos Modernos : Porto : 1947–1952”. Porto, Ed. Asa.

BECKER, Annette, TOSTÕES, Ana, WANG, Wilfried, org. “Arquitectura do Século XX :Portugal”. Lisboa, Prestel, 1997, p.203

BOESIGER, W. (1960). “Le Corbusier 1910–60”. Zurich, Editions Girsberger.

BONITO, Mário, (1952). “Encerramento da 1ª Exposição da Odam”. In: BARBOSA, Cassiano, comp. (1972). “ODAM : Orga-

nização dos Arquitectos Modernos : Porto : 1947–1952”. Porto, Ed. Asa, pp.147–148.

CASTRO, Celestino de, (2007) “Depoimento do Arquitecto Celestino de Castro” Entrevista de Pedro Noronha Nunes a Celestino de Castro conduzida na sua residência, rua Fernão Álvares Oriente n.º 6 – 1º Esq., nos dias 6 de Janeiro de 2007 e 28 de Março de 2007, Publicada neste número da Revista “a obra nasce”

CASTRO, Celestino de, (1949) “Memória Descritiva e Justificativa: 12 de Agosto de 1949”. Porto, Arquivo Celestino de Castro.

FIGUEIRA, Jorge, PROVIDÊNCIA, Paulo, GRANDE, Nuno, Com. (2001). “Guia de Arquitectura Moderna : Porto 1901/2001”. Porto, Civilização.

GRANDE, Nuno (2006). “Campo Magnético : Polaridades e Tensões na Arquitectura Portuguesa do Século XX”. In: AFONSO, João ed. (2006). “iapXX:Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal”. Lisboa, Ordem dos Arquitectos, pp.61–64.

PEREIRA, Teotónio (1983). *Arquitectura*, 4ª série, nº148, Lisboa, Jan–Fev.

TOSTÕES, Ana (2006). “Sob o Signo do Inquérito”. In: AFONSO, João ed. (2006). “iapXX:Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal”. Lisboa, Ordem dos Arquitectos, pp.17–36.

TOSTÕES, Ana (1997). “Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50”. Porto; FAUP publicações.

NOTAS DE RODAPÉ

1 | Celestino de Castro colaborou e chefiou uma divisão do Departamento das Construções Hospitalares.

2 | Fonte dos sítios oficiais on-line do hospital de Guimarães e do Ministério da saúde, aplicável para os anos de 2006 e 2007.

3 | Uso, livremente, mas não sem reverência, uma expressão que o meu antigo professor e bom amigo José Quintão, usava várias vezes para descrever certo tipo de projectos (e, nomeadamente, alguns dele).

4 | entrevista ao autor, publicada neste número.